

# A QUESTÃO “O QUE É SER HOMEM HOJE?” NO SITE *PAPO DE HOMEM*<sup>1</sup>

## THE QUESTION “WHAT IS IT TO BE A MAN TODAY?” ON THE SITE *PAPO DE HOMEM*

Fabio Elias Verdiani TFOUNI<sup>2</sup>

Wedson Oliveira de SANTANA<sup>3</sup>

### RESUMO

A questão da identidade está na ordem do dia das discussões acadêmicas. Mas essas discussões não se resumem à academia e têm circulado em diversas mídias reflexões sobre identidades diversas: Identidade feminina, negra, LGBTQI+ e outras. O interesse social e acadêmico pela identidade masculina é mais recente comparando-se, por exemplo, com pesquisas sobre o que é ser mulher. Tem-se afirmado que as mídias são importantes meios de produção e circulação de imaginários sobre os sujeitos modernos e suas identidades. Através dos aportes teóricos e metodológicos da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, neste trabalho pretendemos analisar a matéria “O que é ser homem hoje?” presente no site Papo de Homem, buscando compreender essa formulação e circulação de um imaginário sobre o homem juntamente com a produção de identidades. As conclusões apontam que no *corpus* um discurso no qual “ser homem” é uma evidência tão clara que não se questiona o que é. Além disso, as análises indicam a presença de um discurso sobre a masculinidade tradicional numa tensão com uma masculinidade mais moderna. Finalmente, as referências à questão dos traços de identificação permitiram cotejar a questão das imagens e das identidades numa relação com a teoria da semântica lexical ou dos traços semânticos.

### PALAVRAS-CHAVE

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com apoio da COPES/UFS.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <fabiotfouni@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: <wedsondesantana@gmail.com>.



discurso; imaginário; identidade; homem.

## ABSTRACT

The issue of identity is on the agenda for academic discussions. But these discussions are not limited to academia and have circulated in various media reflections about different identities: female, black, LGBTQI + and others. Social and academic interest in male identity is more recent when compared, for example, with research on what it means to be a woman. It has been stated that the media are an important means of producing and circulating imagery about modern subjects and their identities. Through the theoretical and methodological contributions of Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, in this work we intend to analyze the question “What is it to be a man today?” present on the site Papo de Homem, seeking to understand this formulation and circulation of an imaginary about man together with the production of identities. The conclusions point out that in the *corpus* a discourse in which “being a man” is such clear evidence that one does not question what it is. In addition, the analysis indicates the presence of a discourse on traditional masculinity in a tension with a more modern masculinity. Finally, references to the issue of identification traces have enabled the question of images and identities to be compared in relation to the theory of lexical semantics.

## KEY-WORDS

discourse; imaginary; identity; man.

## INTRODUÇÃO

A questão da identidade está na ordem do dia das discussões acadêmicas. Mas essas discussões não se resumem à academia e têm circulado em diversas mídias reflexões sobre identidades diversas: Identidade feminina, negra, LGBTQI+ e outras. O interesse social e acadêmico pela identidade masculina é mais recente comparando-se, por exemplo, com pesquisas sobre o que é ser mulher.

Tem-se afirmado (TFOUNI; TFOUNI, 2014) que as mídias são importantes meios de produção e circulação de imaginários sobre os sujeitos modernos e suas identidades (GREGOLIN, 2007). Neste trabalho pretendemos analisar



a matéria “O que é ser homem hoje?” presente no site Papo de Homem<sup>4</sup>, buscando compreender essa formulação e circulação de um imaginário sobre o homem juntamente com a produção de identidades.

Dando mais um passo, podemos relacionar a questão do imaginário sobre o homem com a da identidade masculina, e destacar, assim como Gregolin (2007), que as mídias possuem um papel na constituição de identidades. A autora afirma: “os campos da AD e dos estudos da mídia podem estabelecer um diálogo extremamente rico, a fim de entender o papel dos discursos na produção das identidades sociais”. (GREGOLIN, 2007, p. 13)

Essa análise será levada a cabo através dos aportes teórico-metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD) francesa fundada por Pêcheux, numa interface com a psicanálise.

Tfouni e Tfouni (2014) afirmam que as capas de revista, sendo formadas por enunciados (discurso verbal) e imagens (discurso não verbal), fornecem aos sujeitos espelhos nos quais os sujeitos podem (devem) se ver refletidos e ocupando aquela posição. O sujeito tende, pois, a se assujeitar, a se adequar à imagem especular que lhe é oferecida, embora também possa se contraidentificar ou se desidentificar. Assim, as revistas fazem circular ao mesmo tempo um imaginário e um *locus* de constituição de identidades.

Tal como o *infans*, que se rejubila diante do espelho, ao ver integradas as partes de seu corpo que antes lhe parecia despedaçado, formando agora uma unidade totalizante puramente imaginária, também o sujeito que recorre às revistas para “saber” (o que fazer, como se comportar, como agir diante de inesperados, como fazer amigos, como copular etc.), teria uma satisfação rejubilatória por entrar em

<sup>4</sup> Link para acesso à matéria “O que é ser homem hoje?” presente no site Papo de Homem: <https://papodehomem.com.br/o-que-e-ser-homem-hoje/>.



sintonia com aquilo que esse grande Outro “gostaria” que ele fosse. (TFOUNI; TFOUNI, 2014)

Pode-se considerar que a circulação de imaginários sobre o homem na mídia tem esse poder de convocar o leitor a se adequar (assujeitar) a essas imagens social e midiaticamente validadas. Isso implica em valorizar positivamente imagens produzidas e circuladas pela mídia. Desse modo, essas imagens podem se converter em ideais a serem assumidos pelo sujeito, que Freud denomina Ideal do eu. O ideal do eu, junto com o superego são instâncias psíquicas formadas no final do complexo de Édipo e são instâncias ideológicas, de modo que um dos papéis que o eu deve assumir, é o de negociar com as exigências vindas de fora. Nas palavras de Silveira:

para a teoria psicanalítica a instância do ideal do eu é que é a porta de entrada do social e da ideologia no aparelho psíquico. Embora o “retorno a Freud” de Lacan permita aprofundar essa proposição, ela é o resultado das próprias investigações de Freud. Foi este que, muito antes de Lacan, atribuiu uma dimensão social ao ideal do eu. (SILVEIRA, p. 170)

A questão do imaginário em Pêcheux é bastante estudada na literatura da AD e, como mais adiante vamos trabalhar com traços de identificação, levando em conta as formulações psicanalíticas, vale lembrar que “seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços<sup>5</sup> objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo” (PÊCHEUX, p. 82), com isso o autor nos indica que no discurso não importa o sujeito concreto, empírico, mas

---

<sup>5</sup> Interessante notar que tanto Pêcheux como a psicanálise trabalham com o conceito de traços, e que em ambos ele não é “objetivo” ou “empírico”.



sim “as formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, p. 1993, 82).

Sobre o papel da identificação com os traços do outro, trazemos Freud: “nessas identificações o eu às vezes copia a pessoa não amada, outras vezes a amada. Também nos chama a atenção que nos dois casos a identificação seja parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto” (FREUD, 2011, p. 63-64).

Esse imaginário permite que no nível da circulação de discursos seja possível antecipar não apenas o discurso do outro, mas também seu modo de agir, se vestir, enfim de “ser no mundo” a partir da imagem previamente criada.

Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo das formações imaginárias [...] podemos explorar algumas dessas possibilidades: a imagem que o professor tem do que seja um aluno universitário, a imagem que um aluno tem do que seja um professor universitário, a imagem que se tem de um pesquisador. (ORLANDI, 2002, p. 41)

Embora exista uma expectativa criada por essas imagens, e o sujeito tenha que lidar com seu ideal de eu e com seu superego, o ideal do eu não determina totalmente a adesão do sujeito, o qual possui um papel ativo nesse processo e deve se posicionar. Então, em Semântica e discurso, Pêcheux (1995) propõe três formas de identificação que, sumariamente são: a) A identificação na qual o sujeito concorda completamente com o Sujeito universal e assimila completamente a formação discursiva correspondente, b) a contraidentificação, na qual o sujeito critica pontualmente a Formação discursiva que o domina, mas não sai dela (permanece nessa posição) e



finalmente c) a desidentificação, na qual o sujeito critica a formação discursiva à qual está filiado e muda de posição. Mas mudar de posição não significa cair fora da ideologia (que não tem externalidade), mas se filia a uma nova posição ideológico-discursiva relacionada a saberes novos.

## **METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS**

A análise a seguir será desenvolvida através da seleção de seis sequências discursivas (SD) presentes na matéria “O que é ser homem hoje?”, disponível no site Papo de Homem.

Como é próprio de materialidades digitais, na página da qual retiramos o *corpus* existem links para vídeos que estão inseridos na textualidade caracterizando a página como multimodal. Como pretendemos analisar apenas as sequências textuais (linguagem verbal), uma análise que tomasse também as outras materialidades poderia chegar a conclusões diferentes da nossa, uma vez que a montagem do *corpus* seria outra.

A matéria é de autoria de Gustavo Gitti. Não pretendemos detalhar a fundo as condições de produção (quem fala, para quem fala, em que situação etc.). No entanto, o próprio nome do site dá algumas pistas ou indícios (GINZBURG, 2003) que podem ser analisadas: “Papo de homem” pode significar “conversa de homem”, ou seja pode sugerir (mas não assegurar) que ali temos homens falando para homens sobre questões de homens. Embora mulheres e LGBTs sejam bem-vindas no site, perguntamos se nesse contexto circula, ou pode circular uma questão de fundo relacionada ao conceito de “lugar de fala”: seria o site um lugar no qual quem tem a fala por direito seria o homem (cis).



A textualidade começa perscrutando a questão “o que é ser homem hoje?”. Na sequência, temos a presença de falas de outros (heterogeneidade mostrada conforme Authier-Revuz, 1990), dando a resposta que a primeira parte da matéria não dá. Nessa parte temos “A resposta de Levni Yilmaz”, “A resposta de Contardo Calligaris”, “A resposta de Fabricio Carpinejar”, “A resposta de Machete”. Podemos notar a presença do discurso do outro, da heterogeneidade (marca também do discurso transversal).

Em um terceiro tempo, a textualidade termina convidando o leitor a dar a sua resposta à pergunta “O que é ser homem hoje?” promovendo um concurso cujo prêmio seria um perfume: “A sua resposta... pode lhe garantir um perfume The Secret”. Também não trabalharemos as respostas dos internautas, pois elas serão objeto de um trabalho em separado.

Em relação à autoria, a matéria é problemática, pois deixa a conclusão (resposta) para o outro, seja esse outro um leitor da página, ou um personagem do cinema, um especialista e etc., Ou seja: termina com a palavra do outro. No entanto isso também pode ser analisado como uma estratégia do sujeito que enuncia para engajar o leitor na tarefa de responder à questão proposta pelo site.

## **ANÁLISE DO CORPUS**

Abaixo iremos analisar nove sequências discursivas da matéria “O que é ser homem hoje?” do site Papo de Homem. Tomemos as SDs 1, 2 e 3:

- SD1** O que é ser homem hoje?
- SD2** Incrível. Estamos num tempo em que surgiu a pergunta “O que é ser homem hoje?”.



**SD3** Pensem no absurdo disso! É como perguntar “Qual a função de um fósforo?” ou “O que é uma escova de dente?”. Ou melhor, é como se fosse uma escova de dente se perguntando: “Como eu faço para ser uma escova de dente?”.

As SD1, 2 e 3 tratam a questão da identidade masculina como uma evidência. O sentido de ser homem é de tal modo evidente que não seria preciso formular essa questão. Trata-se de algo já sabido. Existiria, então, uma identidade masculina já cristalizada e estabilizada. A pergunta é uma tentativa de entender uma identidade cristalizada ou uma tentativa de questionar essa identidade e de apontar para a existência de outras masculinidades. Podemos tomar o “hoje” como pista: na contemporaneidade, podem estar surgindo novas formas de ser homem.

Essa evidência pode ser vista como ideológica, pois “nesse movimento de interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido no simbólico” (ORLANDI, 2002, p. 45-46). Desse modo, podemos perceber que há um jogo de interpretação, do qual ocorre ao mesmo tempo uma afirmação e uma negação da interpretação, colocando-a em grau zero. Podemos dizer que a imagem do homem é tão bem cristalizada a ponto de cegar o leitor em relação ao trabalho da sua produção, transformando essa imagem em evidente.

A ideologia trabalha para “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. (ORLANDI, 2002, p. 47). Para nós, isso se coloca no movimento de colocar a questão “O que é ser homem hoje?” na SD1 para depois negá-la enquanto questão, ou seja, não haveria nada a interpretar na masculinidade. Essa ausência de





algo a dizer sobre a masculinidade não seria fruto de uma falta das “coisas a saber”, mas, antes sua evidência. Ser homem seria uma evidência tão clara que a questão nem deve ser colocada. Lembramos que Pêcheux (1995) faz uma crítica à afirmação do óbvio.

Dada a evidência do que é ser homem, a pergunta da SD1 seria “incrível” como se diz na SD2 ou um “absurdo” como se afirma na SD3. Questionar o que é ser homem seria equivalente a perguntar “Qual a função de um fósforo?”, ou, se o sujeito fosse uma escova de dente “Como eu faço para ser uma escova de dente?”. Essas metáforas, tomadas como deslocamento de sentidos, permitiriam ao sujeito - tomado pela evidência do ser - explicar com outras palavras aquilo que ele não pode dizer, por se tratar de algo já dado, uma evidência que não se coloca em palavras. Vejamos agora a SD4:

**SD4** Tudo bem fazer um charme perguntando “O que querem as mulheres?” ou até mesmo “O que é uma mulher?” (coisa que já fiz aqui), mas jogar a pergunta para si mesmo é demais.

Segundo a SD4 perguntar o que é uma mulher é “normal”, é uma pergunta que se espera, em contraste com os questionamentos sobre o homem, inclusive porque, no caso do nosso *corpus*, quem pergunta é o homem, sendo a mulher o outro. A questão do que é ser mulher tem sido historicamente bastante explorada em nossa cultura, diferentemente dos sentidos sobre o ser homem.

Os novos papéis assumidos pela mulher na atualidade têm permitido não só questionar o que é a mulher, mas também, colocar outra questão: Se as mulheres mudaram, o que podemos dizer dos homens? Permanecem os mesmos? ou não?



Cunha (2019, p. 26) coloca que em vez da mulher, podemos pensar no homossexual como o negativo do homem, como o elemento que permite um novo pensamento sobre a masculinidade, uma vez que é possível ser gay e homem.

a suposta crise da masculinidade e eventuais potências que tal crise torna possíveis a partir das transformações não pelas mulheres ou por causa delas, mas por uma outra figura negativa do masculino, esse outro homem se vocês quiserem, que é o homossexual masculino, o gay, a bicha, o viado. [...] Diante dessa imagem, a figura do homossexual masculino foi sendo construída como seu negativo, num processo marcado pela sua apropriação pela medicina e por sua localização estratégica na construção daquilo que Michel Foucault descreveu como dispositivo da sexualidade. (CUNHA 2019, p. 26)

Podemos também afirmar que na SD4 “demais” é o indício de que a pergunta sobre o homem seria descabida por se tratar de um óbvio, de algo já dado e estabelecido.

**SD5** O fato é que esse homem “simprão”, mais tosco, sem refinamento, desses que não sabem nem o significado da palavra “subjetividade” ou “crise”, esse homem, bem, que homem é esse? A identidade masculina foi questionada e a piada é: nós mesmos não soubemos responder direito.

A evidência de homem construída historicamente é a que aparece em SD5 um homem “simprão”, “tosco” e “sem refinamento”, e ao mesmo tempo “desprovido” de vida interna e psíquica sofisticada (isso seria coisa de mulher?).

Tanto isso é uma evidência, que a construção “O fato é que esse homem ‘simprão’...” surge repentinamente na textualidade, cabendo ao leitor recuperar a memória social e o sentido do que se enuncia. Em momento algum do texto se tinha dito que o homem é “simprão”. Então isso é um



pré-construído que é dado como já sabido, como evidência partilhada entre o enunciador e o leitor.

Ser homem é não usar o português culto ou padrão, é por aí que devemos entender o uso de “simprão”, para falar do homem simples, sem refinamento. Não deixa de ser interessante que os estudos sociolinguísticos (FREITAG; LIMA, 2010) têm apontado que o homem, em comparação com a mulher, é o que menos usa o português culto e o que mais se vale da transgressão linguística. Na SD5 vemos alguns traços que no imaginário social seriam característicos do homem:

### **Simples/ tosco/ sem refinamento**

Na SD5, o homem verdadeiro não pensa em “subjetividade” nem tem “crise”; pensar essas coisas já seria talvez cair fora da masculinidade tradicional. Ao mesmo tempo em que existe uma definição da masculinidade tradicional, existe também a pergunta: Que homem é esse? Ou seja, existe uma definição que restringe os sentidos do que é homem, seguida por um questionamento que desconstrói a definição feita.

Os traços do imaginário social são importantes fontes de filiação dos sujeitos aos quais lhes cabe aceitar, recusar parcialmente, ou se filiar a outra formação discursiva (as formas de identificação em Pêcheux). No entanto, podemos dizer que nas SDs até aqui existe um imaginário social tomado como evidente sobre o ser homem, cujas características só aparecem textualmente na SD5. O sujeito que se filia a essa SD deve aceitar as concepções sobre homem que a constituem, de modo que deve impor a si mesmo esse modo de ser.



Temos um conjunto de traços que caracterizam o que deve ser o homem na masculinidade tradicional, traços que o sujeito deve idealizar, deve aceitar como ideais do eu. Essa questão da identificação por traços é bem discutida na psicanálise (FREUD 2011).

Ele deve ver a si mesmo e aos outros com um olhar que parte dessa formação discursiva. Esse olhar é que diz se o sujeito satisfaz as condições para ser objeto de amor, ou seja: para ser aceito como membro do grupo, como afirma Nominé:

Esse significante ideal é o que indica ao sujeito, muito cedo na sua vida, o que ele deve ser para responder aos critérios do amor do Outro. [...] aquilo que o sujeito tem de interiorizar é, em primeiro lugar, o olhar do Outro. Esse olhar do Outro é, depois, algo que faz signo ao sujeito sobre o modo em que o outro lhe olha: Com bons olhos ou maus olhos. (NOMINÉ, 2018, p. 27)

Esse olhar está entre o ideal do eu e o superego, que são instâncias irmãs, fruto do complexo de Édipo. Essa proximidade do ideal de eu com o superego em Freud é comentada por Silveira:

A propósito desse final do Édipo, Freud se refere a dois herdeiros do “complexo”: o *superego* e o *ideal do eu*. Como um pai que, às vezes, confunde o nome de seus muitos filhos, Freud nem sempre discriminou, com a clareza que teria sido necessária, esses dois herdeiros do complexo de Édipo. No entanto, essa confusão quanto aos nomes não impediu que tivesse indicado os efeitos produzidos por essa herança no aparelho psíquico: a relação do sujeito com a lei; com uma lei insana, a do superego e com a lei da cultura e da sociedade, que é a função da instância do ideal do eu. (SILVEIRA, 2010, p. 177)

O olhar de vigilância do ideal de eu e do superego também vigia o que o sujeito está dizendo, polícia o que pode (ou não) e deve ser dito.



O ideal do eu se constitui em significantes e, os ideais enquanto materializados na linguagem são constituintes de sua formação discursiva (como o sujeito habita a linguagem, ele não teria distanciamento suficiente para “olhar de fora” aquilo que enuncia, sendo por este aspecto assujeitado). Por seu lado, o superego exerce a vigilância do sujeito verificando se ele respeita ou não o que deve ser dito. Então, o ideal do eu e o superego são instâncias psíquicas que sustentam a filiação e a manutenção do sujeito a uma formação discursiva. Não é então sem luta e sem conflito consigo mesmo que o sujeito muda de posição, pois ao fazer isso, entra em conflito com essas instâncias do eu.

A imagem do homem foi resumida a isto (“simprão”, tosco) por tanto tempo que hoje ao serem questionados muitos não conseguem nem responder o que são. Nesse sentido pode ganhar força a afirmação de Butler (2003), para quem a identidade é sempre posta e repostada (performada), de modo que uma repetição *ad infinitum* do mesmo poderia eternizar/reproduzir aquilo que Pêcheux nomeia por evidência ideológica.

Dando mais um passo pode-se afirmar que hoje em dia, em diversos discursos midiáticos e científicos tem-se falado em masculinidades, com “s”, no plural, ou seja: Existem tantos outros atributos que poderiam definir o indivíduo masculino, que, portanto, caracterizá-lo apenas como simples e tosco soa problemático atualmente. Assim como a feminilidade, a masculinidade também possui as suas nuances, essa seria uma novidade dos discursos contemporâneos sobre o homem.

Sendo assim, as sequências discursivas analisadas mostram que agora o homem é alvo de vários questionamentos que antes se fazia a respeito das mulheres, É interessante que a questão do que é ser homem é colocada como



absurda nas SD 2 e 3. No entanto, na SD5, isso sofre uma mudança radical, na medida em que a SD afirma que é uma “piada” não saber a resposta. Em relação a esse não-saber o que é o homem hoje em dia, surgem os seguintes significantes que deslizam uns sobre os outros fazendo um efeito de desconhecimento e de espanto:

- Incrível
- Absurdo
- Piada
- É demais

Esse questionamento e esse “não-saber abrem espaço para incluir respostas de “personalidades” sobre o tema, que vão de autores e psicanalistas a personagens do cinema (Machete). Então, diante do não saber, são convocadas falas de outros. Esses “empréstimos discursivos”, caracterizando o texto como heterogêneo pelo comparecimento do discurso do outro. Authier-Revuz (2008) salienta que a representação dessa forma discursiva é um acontecimento heterogêneo, seguindo alguns níveis, apontados por Authier-Revuz:

Tratarei, de forma sucessiva, de quatro lugares, ou níveis, de inscrição de heterogeneidade: no próprio princípio, primeiramente, (1) da delimitação do campo da representação do discurso outro5 no campo, mais amplo, da metadiscursividade; no plano (2) da natureza heterogênea das formas que o constituem e que não têm a coerência de um subsistema gramatical; no nível (3) de uma articulação que mantém a disparidade entre o plano dos valores na língua e dos funcionamentos e efeitos no discurso; por fim, (4) na relação entre essas duas heterogeneidades (representada/constitutiva) tão irreduzíveis uma à outra quanto solidárias uma à outra, a das formas que “representam” o discurso outro no fio do discurso e a da presença fundamental em todo discurso de uma exterioridade discursiva que o “constitui”. (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 2-03)



A SD6 precede essas respostas. Sabemos que um ponto importante das mídias digitais é a interatividade e a visibilidade; elas devem ter canais atrativos de interação com os internautas e fazer a mídia circular bastante (quem saber chegar aos mais acessados, mais lidos, ou *trending topics*). Em termos de estratégia midiática, a dúvida e as respostas das celebridades e especialistas abrem espaço para convocar o leitor, mais ao final do texto, a deixar sua resposta sobre o que é ser homem hoje. Como motivação extra, é anunciado o sorteio de um perfume para as melhores respostas.

**SD6** Vieram várias respostas. Uns nem tentaram responder, viraram as costas, alisaram o cabelo com chapinha e hoje vivem felizes. Outros ficaram com a pergunta entalada e até hoje gaguejam. E outros arriscaram respostas com suas próprias vidas.

É interessante notar que no *corpus*, a pergunta o que é homem remete à questão o que é uma mulher. Nessa linha podemos seguir a direção do apontado por Cunha (2019), que por seu turno trabalha em outra direção, apontando que o outro do homem, que implode a identidade masculina é o gay. Cunha (2019) ainda considera a mudança do papel e do lugar da mulher na sociedade como um possível provedor dessa crise identitária, pois ao ocupar os espaços antes ocupados somente por sujeitos masculinos, as mulheres se mostram tão capazes quanto, deixando-os sem direção, perdidos, questionando quem são e o que devem fazer.

No entanto, ainda em Cunha (2019), essa possibilidade tem se tornado remota quando nos detemos na suposta crise das masculinidades, essa sim são causadas pelo outro lado do homem, que por muitas vezes foi visto como sombrio e totalmente negativo. A homossexualidade masculina soava como uma ameaça iminente à imagem do homem heterossexual e por isso houve



grandes tentativas de quebrar essa barreira, utilizando a medicina para tentar fazer com que o gay se tornasse hetero, mas aqueles que tentaram mal sabiam que essa, ou pelo menos fingiam não saber que essa, não é uma questão biológica e sim identitária (FREUD, 1920, 1923).

Devido à extensão desse trabalho, não pretendemos analisar as palavras todos presentes na textualidade. No entanto, sobre “a resposta de Levni Yilmaz”, afirma-se o seguinte no site (SD7):

**SD7** Ele está certo. Antigamente era mais fácil, as identidades e as posições masculinas eram mais definidas. Hoje a coisa está tão confusa que surgiram vários manuais com dicas de como ser homem:

Em relação à SD7 podemos lembrar que no mundo líquido (BAUMAN, 2001) as identidades são fluídas, não se exige rigidez ou fixidez de “persona” ou caráter. O sujeito pode desempenhar papéis diferentes em situações diferentes, e também, sempre que a situação exigir mudar seu modo de ser/agir no mundo em vista de novos modelos que estão sempre aparecendo. Para isso, ele deve ser capaz de deixar de lado velhos modos de existência tão rapidamente quanto adquiriu os novos. Essa é parte da confusão e da necessidade de “manuais” que guiam o homem que não sabe agir na atualidade. Forbes (2010) denomina esse homem moderno de “desbussolado”, um sujeito perdido, sem norte, sem orientação.

Na SD7, temos o discurso de “antigamente...”, que traz consigo o par ontem/hoje, remetendo, ideologicamente ao par tradicional/moderno. Todo esse questionamento sobre o imaginário e a identidade do homem que vem desde a SD1 pode ser interpretado/compreendido a partir de um discurso sobre a modernidade (Teixeira Coelho, 1986) que tem como uma





de suas características centrais o rompimento com as tradições bem como uma vontade programática de colocar o antigo abaixo e promover o novo. O homem sempre precisou de modelos, sendo esse um achado da teoria da identificação em Freud. O que se nota no *corpus* é que o sujeito moderno, sem uma tradição à qual se apegar se vê “desbussolado” e em busca de modelos nessa modernidade, vive hoje em dia em eterna disrupção tanto de si mesmo como das estruturas sociais. E o enunciador concorda com Ylmaz ao dizer que “ele está certo”.

**Quanto à “resposta de Contardo Calligaris” trabalharemos o trecho sem aspas (SD8):**

**SD8** Não está bem claro o significado da instrução “Seja homem!”.  
Se o papel de provedor já não nos é exclusivo, o que sobra?  
Provar a masculinidade trepando por 3 horas sem parar, fazendo musculação, luta, esportes mais próximos da morte?

Perde-se a virilidade quando se acostuma como a vida cotidiana que não tem quase nada de heróica ou aventureira? O que demanda mais destemor? Construir um império transnacional ou ter um filho e levá-lo para a escola todos os dias?

Na SD8 ressurge a dúvida sobre o que é ser homem, agora na forma de um dever ser ou uma “instrução ‘seja homem’”. O termo instrução remete a um discurso pedagógico (ORLANDI, 1996), e ao ensino, mas também ao ideal de eu e ao superego, ou seja, a uma vigilância, típica do modelo tradicional de homem no qual a atitude ou a performance, como diz Butler (2003), não pode deixar dúvida sobre a masculinidade do sujeito e a masculinidade aí remetendo a um determinado tipo de masculinidade. Outras marcas/traços



dessa masculinidade tradicional são a do homem como provedor e a de um ser que faz muito sexo, ou que não recusa uma oportunidade: “Provar a masculinidade trepando por 3 horas sem parar”. Por que essa urgência em se provar homem? Seria um sintoma<sup>6</sup>? Uma tentativa de encobrir a falência da masculinidade tradicional?

A figura do homem como provedor se relaciona à divisão sexual do trabalho, presente desde as sociedades primitivas até a sociedade ocidental. Podemos tomar como mais um marco da modernidade e da desconstrução do modelo tradicional de homem a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, principalmente a partir da segunda guerra mundial, pois enquanto os homens iam à guerra, em casa, era preciso que alguém (as mulheres) tomasse conta da produção industrial e do provimento de todo tipo de necessidades, tanto domésticas como bélicas (armas, medicamentos, alimentos e etc.). Assim, o homem deixa de ser o provedor exclusivo. Hoje, no Brasil, boa parte dos lares são chefiados e mantidos economicamente por mulheres. Isso deixa o homem tradicional sem saber onde se ancorar, que norte seguir: “desbussolado”.

Na SD8, outras características do homem moderno aparecem no trecho “fazendo musculação, luta, esportes mais próximos da morte?”. Aqui os traços do homem são de força, potência, talvez de agressividade (isso comparece bastante em capas de revista voltadas ao público masculino como a revista *Men's Health*). Ao mesmo tempo, podemos nos perguntar se o termo “morte” na SD8 não indica um tropeço, ou falha, um sintoma de uma masculinidade moderna que aproxima da pulsão de morte, de uma tanato-ontologia.

---

<sup>6</sup> No seminário 1, Lacan (1993) aponta que o eu é sintoma. Mais tarde, no seminário 23, cria o neologismo *Sinthoma* (LACAN, 2007) para aprofundar essa discussão.



Na Segunda parte da SD8, aponta-se que o caminho alternativo e talvez melhor (ideal de eu presente novamente) seria abandonar esse tipo de virilidade, e também da figura do herói. Afinal, heroísmo mesmo seria ser pai e levar o filho à escola todo dia (na modernidade temos o surgimento do sujeito comum enquanto herói e até a figura do anti-herói).

A SD9, mostrada a seguir, traz a resposta de Machete. Nela, a libertação do homem do modelo tradicional permite, paradoxalmente, sua retomada, agora no bojo de uma brincadeira dentro discurso lúdico (Orlandi, 1992). A presença do lúdico atesta uma libertação em relação ao superego e ao ideal do eu, frente a essa imagem tradicional, essa ideologia tradicional a respeito do homem. O riso “derrete” a imposição e desconstrói a negação da polissemia. No discurso lúdico a polissemia é aberta, já no discurso autoritário, tanto a polissemia quanto a reversibilidade são negadas (ORLANDI 1996).

**SD9** Talvez pela primeira hoje é possível incorporar traços do clássico machão, brincar de ser bruto na vida (do jeito que elas gostam na cama), justamente porque somos livres desse padrão. Dessa brutalidade lúdica podem surgir grandes qualidades, como precisão e impetuosidade.

O significante “precisão” caracteriza o homem tradicional como aquele que vai direto ao ponto, não vacila, lembrando que socialmente “vacilão”, aquele que hesita, pode ter sua masculinidade questionada nesse modelo tradicional. Outro traço da masculinidade tradicional é a impetuosidade.

Levando em conta a teoria Freudiana dos traços de identificação podemos levantar aqui os traços que identificam o homem tradicional no discurso do *corpus* analisado, criando o quadro abaixo (Quadro 01). No entanto, é importante que isso seja feito no bojo de uma teoria do discurso, evitando cair em epistemes diversas como a teoria dos traços semânticos



de Pottier. Lopes (2000) cita o trabalho de Pottier, que fez um estudo sobre cadeiras e poltronas. Qual a diferença entre uma cadeira e uma poltrona? A poltrona tem braços, a cadeira não, assim, no quesito “braço” a poltrona será marcada com (+) e a cadeira com (-). Assim, teremos um conjunto de (+) ou (-) que descrevem o objeto (que na verdade é um signo, faz parte da linguagem, não é um referente).

### Quadro 1

Traços semânticos do homem tradicional nas SD

SD5	SD8	SD9
+ simpão + Tosco + sem refinamento + em crise	+ provedor + sexual + viril + herói	+ Brutal + Brutalidade lúdica + precisão + impetuosidade

Em relação aos traços semânticos e à história logicista que acompanha a linguística, podemos lembrar que Pêcheux trata dessas questões com ironia:

os semanticistas se utilizam de bom grado, como veremos, de classificações dicotômicas do tipo abstrato/concreto, animado/não-animado, humano/não-humano, etc. que se fossem aplicadas exaustivamente até seu limite máximo, constituiriam uma espécie de história natural do universo. (PÊCHEUX, 1995, p. 30)

Ao perguntar, por exemplo, o que é um “solteiro”, Pêcheux responde seguindo esse modelo, mas com um toque de ironia que o solteiro é o “não casado” (À La Palice...); ou seja, certas abordagens podem levar a reduzir a potencial riqueza dos traços semânticos. Nessas teorias, descreve-se um objeto, por exemplo, a partir de seus traços. Aplicada literalmente e sem crítica, resume-se a língua e sua semântica ao dicionário, os sentidos



catalogados, sendo que a língua pode ser torcida, dobrada, esticada: ela é elástica. Então pode ser viável trabalhar os traços semânticos enquanto traços de identificação, uma vez que se leve em conta a Formação discursiva e a ideologia dos enunciados, além de outros conceitos da AD.

Vejam os Pêcheux comentar o caso do “solteiro”, pois ele toca diretamente o nosso objeto: o homem. “- da mesma forma um solteiro será caracterizado como (físico) – (animado) – (adulto) – (masculino) – (não-casado), o que autoriza a tirada à La Palice (aliás, bastante suspeita) que faz com que se alguém não é casado é porque é solteiro; (PÊCHEUX, p. 30)”. Uma das coisas que Pêcheux aponta no co-texto é que a depender do objeto com que se lida, esse tipo de classificação tem furo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* permitiu compreender que na contemporaneidade ainda circula um discurso no qual ser homem é ser homem cis, ou seja: o discurso exclui outras possibilidades de existência e se posiciona como heteronormativo. Esse efeito é produzindo sub-repticiamente (sem que o sujeito enunciativo se dê conta), produzindo também certa imagem do homem entre uma masculinidade nova em comparação com uma masculinidade tradicional. A masculinidade tradicional é caracterizada a partir de seus traços, sendo alguns deles: provedor, “simprão”, viril, tosco, sem refinamento.

A pergunta “O que é ser homem hoje?” é respondida inicialmente a partir de uma evidencia, ser homem seria tão evidente ao ponto de não se saber enunciar suas características. Então, a questão ser tratada como “incrível”, “absurdo” ou “piada”, como pergunta impertinente que não se coloca (lembremos a SD3 “Pensem no absurdo disso! É como perguntar ‘Qual



a função de um fósforo?’ ou ‘O que é uma escova de dente?’. Ou melhor, é como se fosse uma escova de dente se perguntando: ‘Como eu faço para ser uma escova de dente?’”).

A heterogeneidade, a palavra do outro, seja ele um psicanalista, um personagem de filme, e etc., comparece no texto para, ao mesmo tempo, responder o que foi perguntado e para incentivar os internautas a interagirem com o site, sendo a interação uma questão chave para a sobrevivência dos sites, redes sociais, e etc. na sociedade midiática contemporânea.

Os traços de identificação podem ser relacionados com a semântica lexical e a proposta por Pottier e outros (LOPES, 2000). Traços de identificação e traços semânticos entram em jogo para caracterizar o homem. É preciso, porém, que um tratamento desse não deslize para um tratamento do tipo “humano/não-humano” ao qual Pêcheux se referiu na sua crítica irônica à afirmação do óbvio.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s) **Cad. Est. Ling.**, (19), Campinas: IEL/UNICAMP. Jul/dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Calidoscópico**, Vol. 6, n. 2, p. 107-119, maio/ago. 2008.

BAUMAN, Z. 2001. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Civilização brasileira. 2003.



CUNHA, Eduardo leal. A normalização das homossexualidades e os destinos do masculino. In: **REVISTA CULT**. Número 242, ano 22, fevereiro de 2019.

FREITAG, R. M. K; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão/SE: CESAD/UFS, 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** [1920-1923] (Obras completas volume 15). São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FORBES, J. Psicanálise do homem desbussolado. **Revista Psique**, n. 53, 2010. Disponível em: <http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos/psicanalise-do-homem-desbussolado-artigo-psique.html>> Acesso em: 15 out. 2013.

GITTI, Gustavo. **O que é ser homem hoje?** Disponível em:< <https://papodehomem.com.br/o-que-e-serhomem-hoje/>

GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Mídia, comunicação e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

LACAN, J. **O seminário Livro 1** – Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.

LACAN, J. **O seminário Livro 23** – O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix. 2000.

ORLANDI, E. P. O discurso pedagógico: a circularidade. In: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996. p. 15-23.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Pontes, 2002.



PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. **A PESTE**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12080>>. Acesso em 04/jan/2019.

TEIXEIRA COELHO, J. **Moderno – Pós-moderno**. Porto Alegre: L&PM editores. 1986.

TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V. A mídia e a fabricação do “bom” sujeito. **Revista Todas as Letras**. Maio/2014. v 16, N° 1, p. 116-124. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n1p116-124>. 2014.

